

## A necessidade da contribuição de deus Hermes para tempos indigentes<sup>1</sup>

The need of god Hermes' contribution to indigent times

Marcos Meireles<sup>2</sup>

### Resumo

A partir do livro “Heremênutica” de Richard Palmer, este artigo se propõe a uma reflexão sintética sobre as seis definições de hermenêutica e o desenvolvimento de uma relação destas definições com o antigo uso das palavras gregas *hermeneuein* e *hermeneia*. A Nova Heremênutica, proposta de Palmer, é um movimento dominante na teologia protestante europeia que defende a hermenêutica como ponto central dos atuais problemas teológicos. É um movimento para que a palavra deixe de ser apenas visual e conceitual e passe a ser evento, onde dados biográficos, históricos ou psicológicos sejam realçados. O compreender não é uma espécie de conhecimento científico que foge da existência para um mundo de conceitos; é um movimento de encontro histórico que apela para a experiência pessoal de quem está no mundo, sendo mediação pela qual nós nos compreendemos a nós mesmos e que tem o poder de tirar-nos a indigência imposta pela insignificância que a morte nos traz.

**Palavras-chave:** Palmer. Heremênutica. *Hermeneuein*. Hermes.

### Abstract

From Richard Palmer's book, “Hermeneutics”, this article proposes a synthetic reflection about the six definitions of hermeneutics and the development of a relation between these definitions and the old use of the Greek words *hermeneuein* and *hermeneia*. The New Hermeneutics proposed by Palmer is a dominant movement in European Protestant theology that supports hermeneutics as the main point of contemporary theological problems. It is a movement for the word to cease to be only visual and conceptual, and becomes event, where biographic, historical and psychological data are emphasized. The understanding is not a kind of scientific knowledge that escapes from existence to a world of concepts; it is a movement of historical meeting that appeals to the personal experience of the person in the world, being the mediation by which we understand ourselves and that has the power of taking out the indigence imposed by the insignificance that death brings to us.

**Keywords:** Palmer. Hermeneutics. *Hermeneuein*. Hermes.

### 1. Considerações introdutórias

Em um tempo em que o homem louco preconizado por Nietzsche anuncia a morte de Deus e em que Heidegger diz que os deuses fugiram deixando seus rastros, nós nos deparamos com uma ausência da Divindade que antes era símbolo de luz para a vida, de sol

---

<sup>1</sup>Texto referente a uma comunicação apresentada na 3ª Semana de Ciência da Religião da UFJF realizada entre os dias 6 e 9 de outubro de 2014.

<sup>2</sup>Mestrando em Ciência da Religião - UFJF; integrante do núcleo de pesquisa em religião e psicologia – UFJF; bolsista CAPES; mmfilo09@gmail.com.

para a existência. O ser humano emancipado pela razão se acha a beira de um precipício pela perda de sentido e obscurecimento da existência. Tudo parece sombrio e frio com tal ausência, que antes era fundamento e que ao deixar rastros aponta para uma não presença. Com o desatar o sol da terra, a escuridão se espalha e o mundo torna-se cada vez mais indigente.

A característica de um mundo moderno indigente é tamanha que nem a ausência de Deus é sentida como ausência (PIRES, 2009). Neste cenário onde nem as pregações ou prédicas parecem nos convencer do contrário, pois aqueles que as fazem parecem também não discordar de tal ausência, apresentamos a proposta de Richard Palmer sobre a Nova Hermenêutica. Tal proposta consiste em um movimento dominante na teologia protestante europeia defendendo a hermenêutica como ponto central dos atuais problemas teológicos. Podemos ampliar tal crítica também para as *Geisteswissenschaften*, para usar um linguajar de Dilthey. A reivindicação contemporânea é de que a hermenêutica tem uma importância central como método das humanidades (i.e. filosofia, teologia e interpretação literária).

A imitação de uma abordagem própria do cientista em relação à interpretação do texto faz com que ele seja encarado como um objeto estático e separado de qualquer sujeito, sendo o processo interpretativo, uma dissecação conceitual do objeto literário. A figura do cientista que isola um objeto ou parte dele para ver como é feito tornou-se o modelo dominante na “arte da interpretação” (PALMER, 1969) contribuindo fortemente para tornar o mundo cada vez mais indigente de significado. Palmer defende que a obra não é um objeto manipulável completamente a nossa disposição, é uma voz humana que vem do passado e que devemos dar vida, sendo o diálogo possibilitador de uma abertura de universo da obra literária e não sua dissecação.

A crítica de Palmer parte da abordagem americana e inglesa de conceber a obra independente daqueles que a captam como se estivesse simplesmente lá fora, no mundo, em uma separação axiomática entre sujeito e objeto provocada pelo realismo. Nesta perspectiva a obra é considerada em si-mesma outro ser. A fenomenologia submeteu as concepções realistas da percepção e da interpretação a uma crítica radical, mostrando como a interpretação caiu em um modo científico de pensar, ou seja, em uma atividade operatória, de conceituação estática, de ausência de sentido histórico e amor pela análise.

Este artigo se propõe, primeiramente, a uma incursão de forma incipiente e sintética às seis definições modernas de hermenêutica trazidas por Palmer no livro “Hermenêutica”, onde são expressos os momentos importantes da abordagem hermenêutica. A partir destas definições, próprias de cada época, temos a pretensão de apresentar os conceitos de

*Hermeneueine Hermeneiacom* o objetivo de trazer o antigo usa da palavra em contraste com as definições que hoje temos da mesma. Retomar o antigo uso das palavras é uma forma de contribuir para que as ciências humanas – filosofia, teologia e interpretação literária – possam desfazer o eclipse causado pela morte de Deus, no sentido de reavivar uma humanidade e existencialidade que andam ausentes, assim como os deuses.

## 2. O desenvolvimento da hermenêutica

Wilhelm Dilthey no texto “O surgimento da Hermenêutica” de 1900 atribuiu tal surgimento ao debate de regras e lutas entre orientações distintas a respeito da interpretação de obras de importância vital da necessidade em fundamentar estas regras (DILTHEY, 1999). “Esta arte da interpretação se desenvolveu, pois, de uma forma gradual, regrada e lenta quanto aquela do questionamento à natureza pela experimentação” (DILTHEY, 1999, p. 16). Ele a definiu como um corpo de ensinamentos sobre a arte (*Kunstlehre*<sup>3</sup>) da interpretação de monumentos literários.

A história da hermenêutica bíblica podia traçar-se: através da Igreja primitiva; dos patriarcas; da interpretação medieval quadruplicada da Bíblia; da luta de Lutero contra os sistemas de interpretação místico, dogmático, humanísticos e outros; do aparecimento do método histórico-crítico no século XVIII e do complexo de forças em atuação durante este período, querendo remodelar a interpretação das Escrituras; de contributo de Scheleiermacher; da escola da história das religiões relativamente à interpretação; do aparecimento da teologia dialética dos anos de 1920 e da Nova Hermenêutica contemporânea (PALMER, 1969, p. 46).

### 2.1. A Bíblia

A definição dada por Dilthey do surgimento da hermenêutica pode referir-se ao significado mais antigo e mais difundido da palavra - os princípios da interpretação bíblica. Há uma justificação histórica para este fato, que se dá pela necessidade de manuais de interpretação que ajudassem na exegese das escrituras, dando aos sacerdotes desligados da Igreja, autoridade para decidirem sobre questões relacionadas à interpretação. Tal prática era comum em círculos protestantes germânicos.

---

<sup>3</sup> Forma mais adequada [tradução Sidnei Vilmar Noé]

São muitos pormenores que contribuíram para o desenvolvimento da hermenêutica bíblica. A tendência geral é de confiar em um sistema de regras que dão sustentação a interpretação das passagens. Há na hermenêutica protestante uma procura de um princípio que sirva de guia na atividade interpretativa. Em outras palavras, há uma procura da autoridade que lhes foi retirada com o desligamento do catolicismo.

## **2.2. A Filológica**

O século XVIII é marcado pelo desenvolvimento do racionalismo, tal corrente traz para dentro da teologia o método histórico-crítico, pois a preocupação da hermenêutica neste período é tornar a mensagem bíblica relevante para o ser humano esclarecido. Surge então a filologia clássica convergindo os esforços da era iluminista para uma intelectualização das afirmações bíblicas.

A tarefa da exegese consistiu, neste período, em entrar profundamente no texto, usando as ferramentas da razão natural para buscar as grandes verdades morais. Assim, a bíblia é encarada como sendo acima do tempo e da história, em uma estratégia para não torná-la obsoleta perante a primazia da razão, mas ao contrário, repleta de verdades racionais e morais reveladas antes dos tempos.

A interpretação bíblica passa a desenvolver técnicas de análise gramatical com grande requinte, e os interpretes se comprometem a um conhecimento total do contexto histórico das narrativas. Neste progresso, a arte da interpretação torna-se sinônima de uma teoria secular da filologia clássica, que visava à compreensão histórica manifesta, suscetível de captar o espírito (*Geist*) da obra e o traduzir em termos aceitáveis para a razão.

Este processo é também chamado de desmitologização, o que se difere da demitologização proposta por Bultmann e da desmistificação de Ricoeur. Neste processo, gradualmente a concepção de uma hermenêutica estritamente bíblica se transformou em uma hermenêutica considerada como conjunto de regras gerais da exegese filológica, sendo a bíblia mais um objeto entre outros, suscetíveis de serem interpretados.

## **2.3. A científica**

Até aqui os esforços e desenvolvimentos da hermenêutica estavam relacionados a uma interpretação das Escrituras. Mesmo com a destituição da interpretação estritamente bíblica por parte da filologia, a atividade hermenêutica se restringe á compreensão textual e

suas regras. Friedrich Scheleiermacher repensou a hermenêutica como ciência ou arte da compreensão. Compreender a hermenêutica desta forma é estar em oposição radical ao ponto de vista da filologia. É uma tentativa de ultrapassar o conceito de uma hermenêutica como conjunto de regras para uma sistematicamente coerente, uma ciência que descreva as condições da compreensão em qualquer diálogo.

A proposta de Scheleiermacher é de uma hermenêutica geral, cujos princípios possam servir de base a todos os tipos de interpretação de texto. Embora Palmer considere esta abordagem ilusória, a concepção de Hermenêutica Geral marca um momento importante, pois pela primeira vez, a hermenêutica é vista como estudo da própria compreensão.

#### **2.4. Das *Geisteswissenschaften***

Wilhelm Dilthey buscando um método para as ciências do espírito que seja próprio, e se diferencie do método das ciências naturais vê na hermenêutica a disciplina central que serviria de base para todas as *Geisteswissenschaften*. O pensamento basilar de Dilthey é que “as ciências do espírito estão, assim, fundadas nesse nexos de vivência, expressão e compreensão” (AMARAL, 2004, p. 52), o que as diferencia das ciências naturais que se pautam na análise e observação devido à diferença do seu objeto.

Dilthey encontrou na disciplina centrada na interpretação e na interpretação de um sujeito histórico, um texto, a base mais humana e histórica para seu esforço de formulação de uma metodologia verdadeiramente humanística. Defendia que a interpretação das expressões essenciais da vida humana implica em um ato de compreensão histórica, em uma operação diferente do domínio científico ou natural.

#### **2.5. A existencial**

A análise de Martin Heidegger em “Ser e Tempo” apresenta a compreensão e a interpretação como modos fundantes da existência humana. A análise heideggeriana do *Dasein* transforma-se também em hermenêutica, especialmente na medida em que propõe uma ontologia da compreensão, tal investigação é de caráter hermenêutico, quer nos conteúdos, quer no método. Esta abordagem faz com que a hermenêutica não seja vista como uma ciência ou regras de interpretação textual, não se refere também a um método para as *Geisteswissenschaften*, tal abordagem se refere a uma explicação fenomenológica da própria existência humana.

A contribuição de Heidegger para a “arte da interpretação” se dá pelo aprofundamento das características hermenêuticas. É considerado um ponto de viragem, quer seja da definição do conceito, quer no campo da hermenêutica. Tal aprofundamento faz com que estaseja “relacionada de uma vez com as dimensões ontológicas da compreensão (e com tudo que isso implica) e simultaneamente com a fenomenologia específica de Heidegger” (PALMER, 1969, p. 51).

Hans-Georg Gadamer seguindo a liderança de Heidegger desenvolveu as implicações do contributo de Heidegger para a hermenêutica, fazendo com que ela avance mais um passo, entrando na sua fase linguística com a controversa afirmação de Gadamer de que “um ser que podeseer compreendido é linguagem” (PALMER, 1969, p. 52). Deste modo, a hermenêutica é encarada como o encontro do Ser através da linguagem. Isso talvez responda a pergunta heideggeriana: para que poetas?

## **2.6. A cultural**

Paul Ricoeur representa esta vertente hermenêutica, ele a define remontando a uma exegese textual, onde a considera como elemento distinto e central. Assim a define: “Por hermenêutica entendemos a teoria das regras que governam uma exegese, quer dizer, a interpretação de um determinado texto ou conjuntos de sinais suscetíveis de serem considerados como texto” (RICOUER apud PALMER, 1969, p. 52).

A hermenêutica é considerada como um processo de decifração que vai desde um conteúdo e significado manifesto, a um significado latente ou escondido. Ricoeur (1991) define o texto como: “a mediação pela qual nós nos compreendemos a nós mesmos”. A arte da interpretação neste contexto é o sistema pelo qual o significado mais profundo é revelado para além do conteúdo manifesto. A psicanálise, precisamente a análise dos sonhos, é uma forma de hermenêutica, pois todos os elementos estão contidos. Mas a operação de encontrar o sentido oculto em sonhos e em lapsos de linguagem demonstra, segundo Palmer, uma desconfiança na superfície ou realidade manifesta, o que faz considerar a hermenêutica freudiana iconoclasta. A hermenêutica de Ricoeur é um sistema de interpretação que tem a pretensão de recuperar o sentido, em detrimento à iconoclastia.

Ricoeur sustenta que em nossos dias há duas síndromes diferentes na hermenêutica: a primeira representa a desconfiança de Bultmann, lida amorosamente com o símbolo esforçando-se por recuperar o significado que nele oculta; o segundo é representado pelos chamados mestres da suspeita (i.e. Marx, Nietzsche e Freud). São desmistificadores que

procuram destruir o símbolo enquanto representação de uma realidade falsa, destruindo máscaras e ilusões em um esforço racional de desmistificar. Os três combatem ativamente a religião; consideram como o pensamento verdadeiro, o exercício de suspeita e dúvida. Com isso, minaram a confiança piedosa que o indivíduo depositava na realidade, nas suas próprias crenças e motivações.

A proposta de Ricoeur é a desmitologização, através da qual, o símbolo ou o texto, é compreendido como abertura para a realidade sagrada. Já os desmistificadores tratam os mesmos símbolos ou textos como uma realidade falsa e que deve ser destruída, contribuindo para o processo de indigência do mundo.

Cada uma destas definições expressam para Palmer, um momento importante ou uma abordagem ao problema da interpretação, a partir do qual a hermenêutica é encarada. É preciso advertir que da forma com que os períodos foram apresentados podem parecer que o desenvolvimento se deu de forma linear e ordenada. É preciso relembrar da atribuição de Dilthey no início deste tópico: a hermenêutica surge do debate de regras e lutas entre orientações distintas a respeito da interpretação de obras e segue neste debate, críticas e até mesmo rupturas em seu desenvolvimento (DILTHEY, 1999).

Todavia, o que é possível perceber com esta incursão é que desde sua gênese como hermenêutica bíblica, e observando seu desenvolvimento como filológica, científica, *Geisteswissenschaften*, existencial e cultural é possível perceber uma dinâmica ou necessidade humana de adequação do termo moderno com o seu antigo uso, ou seja, a aproximação da hermenêutica com os termos *hermeneuein* e *hermeneia*.

### **3. O antigo significado da palavra hermenêutica**

A hermenêutica é o estudo da compreensão, e durante grande parte do seu desenvolvimento é essencialmente compreender textos. Ela chega a sua dimensão mais autêntica quando deixa de ser um conjunto de artifícios e de técnicas de explicação de texto e procura enxergar o problema hermenêutico dentro de um horizonte de uma avaliação da própria interpretação, pois objetos são facilmente redutíveis a métodos científicos de interpretação, mas as obras, ao contrário, apelam para modos mais sutis e compreensíveis, métodos que sejam mais históricos e humanísticos (PALMER, 1969).

Enquanto se define como estudo da compreensão das obras humanas, a hermenêutica transcende as formas linguísticas de interpretação, sendo fundamental em todas as humanidades, pois seus princípios se aplicam não só na obra escrita, mas a qualquer obra de

arte. Martin Heidegger vê uma relação da filosofia com a hermenêutica, pois afirma que o que se mostra pode tornar-se mensagem. Compreendemos esta virada conceitual da palavra hermenêutica quando olhamos seu desenvolvimento e buscamos relacioná-la a sua origem etimológica.

A palavra hermenêutica, advinda do verbo grego *hermeneuein*, era usualmente traduzida por interpretar e, no substantivo *hermeneia*, interpretação. Tais palavras estão intimamente associadas ao deus mensageiro-alado Hermes da mitologia grega e a Hermeios, o sacerdote do oráculo de Delfos. O significado de Hermes se associa à função de transmutação, ou seja, de transformar tudo o aquilo que ultrapassa a compreensão humana em algo que a inteligência consiga compreender, trazendo algo da inteligibilidade à compreensão. Também lhe é atribuído à descoberta da linguagem e da escrita, ferramentas que a compreensão humana utiliza para chegar ao significado das coisas e transmiti-la aos outros.

Destarte, são atribuídos ao sacerdote do oráculo em sua atividade interpretativa três verbos. Embora cada verbo possua um sentido independente, dizer, expressar e traduzir são expressos como orientações da atividade interpretativa. Para Palmer, tal atividade consiste em tornar algo que é pouco familiar e obscuro em algo real, próximo e inteligível. Estas três orientações do interpretar contribuem para que a hermenêutica, sendo fiel ao seu antigo significado, torne-se mais existencial e humanamente significativa.

### **3.1. Como DIZER**

A palavra Hermes tem uma aproximação com as palavras latinas *sermo*– dizer e *verbum* – palavra. Neste sentido, destaca-se a função anunciadora de Hermes, onde o sacerdote grego ao apresentar a palavra, anunciava e afirmava algo, não sendo meramente um anunciador, mas um proclamador. O sacerdote, tal como Hermes e tal como o sacerdote de Delfos, deveria trazer notícias fieis da divindade naquilo que diz ou proclama sendo um mensageiro de Deus.

A linguagem escrita apela para uma reconversão na sua forma falada; apela para um poder perdido, pois a escrita não tem a expressividade primordial da palavra falada (PALMER, 1969). As palavras orais parecem ter um poder quase mágico; as escrituras, especialmente na teologia de Bultmann, são *kerygma* no sentido de algo que deve ser proclamado; no cristianismo o poder da palavra oral ocupa lugar importante, pois tanto São

Paulo quanto Lutero são famosos por dizerem que a “*fides ex audi*”<sup>4</sup>. A intenção da Nova Crítica em hermenêutica é de preservara integridade da existência da própria obra da heresia da paráfrase, não como se o texto tivesse seu ser nas palavras, mas trabalha para que o texto fale por si mesmo. A crítica é para que a palavra deixe de ser apenas visual e conceitual e passe a ser evento, onde dados biográficos, históricos ou psicológicos sejam realçados.

A interpretação oral ajuda a crítica literária a lembrar-se da sua intenção secreta, quando considera (de um modo mais consciente) a definição de “existência” de uma obra, não como uma coisa estática e conceptual, não como uma “essência” atemporal que se coisificou enquanto conceito expresso por palavras, mas antes como uma existência que realiza o seu poder de existir enquanto acontecimento oral no tempo (PALMER, 1969, p. 29).

### 3.2. Como EXPLICAR

A interpretação enquanto explicação dá ênfase ao aspecto discursivo da compreensão. As palavras não se limitam a dizer algo, elas explicam, racionalizam e clarificam algo. As mensagens crípticas do oráculo de Delfos não eram interpretadas como um texto preexistente, mas a partir de uma situação dada. Levavam o significado de uma situação à sua formulação verbal, onde o sentido não estava escondido no estilo ou na maneira de dizer. Os oráculos, num primeiro momento, apenas diziam ou anunciavam, enquanto a explicação orientava-se para explicar ou dar conta de algo.

A interpretação explicativa torna-nos conscientes de que a explicação é contextual, é horizontal, devendo processar-se dentro de um horizonte de significados e intenções. Levamos a perceber que não é possível falar de algo independente de um sujeito que o perceba, bem como uma neutralidade frente ao texto, no sentido de Bultmann, pois interpretamos a partir de uma pré-compreensão, ou seja, uma área de compreensão pressuposta.

Para que um interprete faça uma performance do texto é necessário, portanto, compreender previamente a situação antes de entrar no horizonte de seu significado. Esse é o chamado círculo hermenêutico sem o qual o sentido do texto não pode emergir. A função de uma interpretação explicativa pode ser vista neste contexto como um esforço para colocar os fundamentos numa pré-compreensão que permita compreender o texto, assim como Jesus oferecia aos seus ouvintes os elementos necessários para compreender os textos proféticos. Aqui encontramos um dos grandes problemas hermenêuticos, que consiste na complexa

---

<sup>4</sup> A fé vem pelos ouvidos

dinâmica da interpretação, na fusão entre o horizonte compreensivo, com o horizonte compreensivo que vem ao encontro do leitor pelo texto.

### 3.3. Como TRADUZIR

A tradução é um processo básico para tornar algo que é estranho e ininteligível a algo compreensível, pois quando um texto é da própria língua, o choque entre mundos passa despercebido, quando se trata de outra língua, o contraste não pode ser ignorado. A língua considerada como repositório de experiências culturais torna-nos conscientes de como as palavras moldam a nossa visão de mundo, mesmo as nossas percepções. Tal como Hermes, o tradutor é um mediador entre dois mundos. Assim, a tradução não se apresenta como uma operação mecânica de encontrar sinônimos, mas de uma atividade sutil de mediar mundos distintos.

A proposta de Bultmann de demitologização é uma tentativa de superar a mensagem essencial da mitologia cosmológica na qual nenhum ser humano moderno pode acreditar (PALMER, 1969). Ele foi além de exegeta um teólogo sistemático “porque no entendimento de Bultmann, Teologia Sistemática nada mais é que exegese consequente, isto é, direcionada para a existência de um ser humano atual” (KÖRTNER, 2009, p. 61). A demitologização não se apresenta como um problema meramente teológico, mas uma necessidade ao ato de interpretar qualquer obra de cujos elementos escapem do nosso horizonte de significação.

O ato de traduzir clama uma precisão de significância para a obra. Uma abordagem da interpretação que se concentre na enumeração de imagens de um ou outro tipo, que se focalize na forma de uma obra, ou que faça análise temática, deixa passar despercebido o problema da significação e deixam de se tornar humanamente relevantes.

A Bíblia é, em primeira linha, uma coletânea de antigos textos sagrados do judaísmo e do cristianismo, que podem perfeitamente ser considerados da perspectiva da ciência da religião ou da história da literatura. Eles se tornam Escritura quando são lidos e interpretados como textos que apresentam uma demanda atual ao leitor ou intérprete, que deve receber uma resposta (KÖRTNER, 62).

Tal como os deuses, a literatura morreu pela atividade dessecativa (PALMER, 1969). Os interpretes estão mais interessados nas estruturas e funções do que mantê-la viva e humanamente significativa. O sentido da realidade e o modo de estar no mundo potente na obra devem ser um ponto central para uma interpretação literária capaz de nos agarrar pela significação humana da ação sendo a chave para compreendê-la. “A metafísica (definição de

realidade) e a ontologia (característica de estar no mundo) de uma obra são fundantes para uma interpretação que torna possível uma compreensão significativa” (PALMER, 1969, p. 40).

Há, portanto, sempre dois mundos, o mundo do texto e o mundo do leitor, por consequência há sempre a necessidade de que Hermes traduza de um para o outro e, que ao revelar tais possibilidades de significação, aja uma apropriação existencial por parte do leitor. “Aquilo que eu, finalmente, me aproprio, é uma proposta de mundo; esta não está atrás do texto, como uma intenção encoberta, mas *diante* dele como aquilo que a obra desenvolve, descobre e revela. A partir daí, compreender é compreender-se diante do texto” (RICOEUR, 124).

### **Conclusão**

Ao olhar retrospectivamente o desenvolvimento da hermenêutica, podemos perceber que a tradição que antecede a vida pessoal detém experiências e formulações culturais destas experiências, podendo apresentar-se a nós como propostas para uma existência pessoal. A busca por conhecer tais possibilidades é busca por conhecer mais a si mesmo em uma dinâmica de questionar-se e se transformar pela abertura a novas possibilidades presente em um redescobrir-se.

Assim expressa Ricoeur: “o que se deve, de fato, interpretar num texto é um *proposta de mundo*, de um mundo tal que eu possa habitar e nele projectar um dos meus possíveis mais próprios” (RICOEUR, p. 122). A interpretação é, portanto, talvez o ato essencial do pensamento humano. Heidegger considera que o próprio ato de existir pode ser considerado como um processo constante de interpretação.

A hermenêutica em seu desenvolvimento passa por grandes viradas, inicia-se como princípios de interpretação bíblica diante da necessidade de manuais exegéticos, torna-se objeto de análise gramatical, deixa de ser estritamente bíblica, ganha status de ciência, torna-se método para as humanidades e transforma-se em explicação da existência, e mesmo o retorno da hermenêutica como interpretação de textos no empreendimento de Ricoeur não a faz com que abandone sua contribuição de tornar a existência significativa. Seja na interpretação bíblica, da existência ou de textos a hermenêutica aparece como um lugar que possibilita a transformação pessoal.

Olhando retrospectivamente, a partir da era do *Deus morto* para a da experiência viva da presença divina, é difícil não perceber um questionamento do eu absoluto, fundamento do mundo, pressuposto pela necessidade de se produzir a si mesmo e de buscar a superação do que se é. O eu que é um nada perdido no universo, é confrontado com o fiel que serenamente afirma a confiança na graça divina, regente da ordem cósmica. Não se trata aqui de simplesmente propor uma fuga para o passado, como se ele contivesse a resposta para o abismo do presente. Mas sim de perceber como respostas diversas podem ser dadas a certas questões que perpassam a tradição (GROSS, 2010, p. 46).

O ápice do desenvolvimento hermenêutico parece buscar uma negação de uma racionalidade que prende o sagrado nas amarras da tradição do *cogito*, num pensamento calculante. Neste âmbito, a literatura, teologia e filosofia se mostram num campo propício para sentirem a fuga dos deuses como ausência e resgatar elementos críticos e o mistério do sagrado. Enxergando o sagrado não em uma transparência que lhe tira o mistério, mas em uma opacidade que lhe é própria.

Não procuramos fazer aqui uma apologia a um misticismo nostálgico e inocente, negando o presente. O que buscamos foi apresentar que nem tudo é uniforme e submetido à razão calculante. Buscamos estabelecer limites à razão, não a tendo como limite. Buscamos apresentar a hermenêutica de Hermes a qual acreditamos ter poder transformador, porque “os textos remetem para além de si. Remetem para a vida e para além da vida, para o cosmos, para seus fundamentos e para além do cosmos. Remetem para além da razão. [...] percebe ali de modo patente seus limites e sua relatividade, de modo que o autoquestionamento é inevitável” (GROSS, 2010, p. 52).

Do que ficou dito até aqui, destacamos que a compreensão é um fenômeno simultaneamente epistemológico e ontológico. A compreensão das obras tem o poder de enraizar nosso próprio ser no mundo. O compreender não é uma espécie de conhecimento científico que foge da existência para um mundo de conceitos; é um movimento de encontro histórico que apela para a experiência pessoal de quem está no mundo, sendo mediação pela qual nós nos compreendemos a nós mesmos e que tem o poder de tirar-nos a indigência imposta pela insignificância que a morte nos traz.

## Referências

AMARAL, Maria Nazaré C. P. Dilthey – conceito de vivência e os limites da compreensão nas ciências do espírito. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 27, n. 2, p.51-73, jul./dez. 2004.

DILTHEY, Wilhelm. O Surgimento da Hermenêutica (1900). **Numem**, Juiz de Fora, v. 2, n.1 p.11-32, jan./jul., 1999.

GROSS, Eduardo. O caráter hermenêutico da filosofia da religião. **Plura**, v.1, n.1, p.38-53, Jul./dez.2010. Disponível em <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/view/6>>. Acesso em 10 set. 2013.

KÖRTNER, Ulrich H. J. Dogmática como exegese consequente? Sobre a relevância da exegese para a teologia sistemática em conexão com Rudolf Bultmann. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 49, n. 1, p. 58-78, jan./jun. 2009.

PALMER, Richard. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70, 1969.

PIRES, Frederico Pieper. Sobre poetas e deuses num mundo indigente. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, v. 23, n. 37, p. 69-85, jul./dez. 2009.

RICOEUR, Paul. **Do texto à Acção**. Porto: Res, 1991. p. 109-125.